

PROFESSORES E PROFESSORAS DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA POR MEIO DA METODOLOGIA DE PROJETOS NAS AULAS DE HISTÓRIA

TEACHERS OF HISTORY: POSSIBLE DIALOGUES FOR AN ANTI-RACIST EDUCATION THROUGH PROJECT-BASED METHODOLOGY IN HISTORY CLASSES

Ana Carla de Medeiros Trindade¹

RESUMO: Este artigo propõe reflexões sobre a utilização e o desenvolvimento de projetos nas aulas de História sob a perspectiva da educação antirracista. Enfatiza a importância do diálogo decolonial no ensino de História, em consonância com as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. As análises baseiam-se em experiências vivenciadas em um projeto desenvolvido com turmas de 6º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública do Rio Grande do Norte (RN). Metodologicamente, o estudo insere-se na perspectiva decolonial, a partir da análise de fontes documentais produzidas pelos estudantes e pela autora/docente durante o processo. O projeto incluiu atividades como análise de músicas, criação de poemas e raps, momento cinema, oficina de colagem, aula de campo e exposição dos materiais à comunidade escolar. Os resultados evidenciam que o uso de projetos nas aulas de História possibilita o aprofundamento de temas frequentemente silenciados e fortalece o sentimento de pertencimento, valorização e reconhecimento da identidade afro-brasileira entre os/as estudantes.

Palavras-chave: Ensino de história - lei 10.639/2003 - Educação antirracista.

ABSTRACT: This article proposes reflections on the use and development of projects in History classes from the perspective of anti-racist education. It emphasizes the importance of a decolonial dialogue in History teaching, in accordance with Laws No. 10.639/2003 and No. 11.645/2008. The analyses are based on experiences carried out in a project developed with 6th-grade students in a public school in Rio Grande do Norte (RN), Brazil. Methodologically, the study is grounded in a decolonial perspective through the analysis of documentary sources produced by the students and by the author/teacher during the process. The project included activities such as music analysis, creation of poems and raps, cinema sessions, collage workshops, field classes, and an exhibition of the materials to the school community. The results show that the use of projects in History classes promotes the deepening of themes often silenced and strengthens the sense of belonging, appreciation, and recognition of Afro-Brazilian identity among students.

Keywords: History Teaching - Law 10.639/2003 - Anti-Racist Education.

¹Licenciada em História (UFRN), Mestra em História (UFPB) e Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História - UFRPE.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, levantamos discussões acerca da educação antirracista nas aulas de História, analisando um projeto desenvolvido com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública do Rio Grande do Norte (RN). O debate visa corroborar o entendimento de que nossas escolhas nas salas de aula precisam partir de um posicionamento político-pedagógico crítico, comprometido em combater os silenciamentos historicamente construídos na sociedade.

Nesse sentido, cogitar uma educação antirracista, parte, sobretudo, de nos situarmos nos diálogos decoloniais e suas reflexões nos estudos históricos, especificamente no campo do ensino de história. Isso porque, as críticas pós-coloniais vêm chamando atenção para as reflexões que situam a urgência da decolonização do *saber, poder e ser* nos variados espaços de vivências socioculturais e educacionais. Com críticas à formação e prática docente que foram historicamente construídas a partir da visão eurocêntrica do mundo, os pesquisadores e pesquisadoras, a exemplo de Nilma Gomes:2003, levantam debates sobre nossos currículos, materiais didáticos e rotina docente, que ainda hoje carregam marcas da colonialidade.

Olhando para esse debate no Brasil, Nilma Gomes (2003), enfatiza a decolonização dos saberes, enquanto cunhada nas bases da intelectualidade negra no país, e destaca também a identidade como uma construção plural, histórica, cultural e social, formada nas tensões, desafios e experiências vividas dos diferentes espaços pela comunidade negra. Esse entendimento é crucial quando pensamos nossas aulas, pois o ambiente educacional aparece como um lugar que pode potencializar ou não referências positivas sobre a comunidade e o povo negro. Haja vista, ser “uma instituição em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade [...]” (p.170).

Portanto, dentro desse quadro de discussão, contextualizamos o projeto com aulas antirracistas nas turmas do 6ª ano, com enfoque na potência do povo negro, entendendo o debate antirracista a partir do conceito de *racismo cotidiano*, formulado nos estudos de Grada Kilomba (2019). Para essa autora o racismo se faz cotidianamente, porque “não é um “ataque” único, ou um “evento discreto”, mas sim uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” que se repete incessantemente ao longo

da biografia de alguém - no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família. (2019, p.800).

Convivemos, diariamente, com as denúncias e situações de racismo divulgadas em redes sociais, meios de comunicação e notícias: isso tudo, faz parte do cotidiano dos estudantes nas escolas do Brasil. Logo, a rotina como docente, historiadora e mulher negra, também me atravessa no enfrentamento e combate ao racismo, se tornando basilar em nosso compromisso político pedagógico com a pauta antirracista no ensino de história. É nas vivências que conseguimos diagnosticar as escolas como espaços de reprodução, mas sobretudo, de combate ao racismo.

Nessa seara, reflexões compartilhadas pela estudiosa, Bárbara Carine:2023, em seu livro “*como ser um educador antirracista*”, nos ajudam a contextualizar essa perspectiva. Na obra, além das várias contribuições sobre o tema, uma memória, em específico, compartilhada pela autora, nos chamou bastante atenção, pois lhe fez repensar suas palestras na educação básica. Segunda a mesma, ao debater sobre genocídio negro, na ocasião para alunos e alunas de uma escola de comunidade, os estudantes começaram a participar do debate partindo de suas vivências, mostrando que sabiam muito sobre genocídio e sofrimento da população negra. Na ocasião, Carine:2023, notou que os dados que estava levantando, não eram novidade para os alunos e alunas, assim, começou a se questionar sobre o ocorrido, e resolveu;

Que só retornaria para falar de potência: do nosso pioneirismo no mundo enquanto humanos, dos nossos reinos e impérios ancestrais, dos nossos conhecimentos antepassados que fundaram as ciências em África etc... com intuito de dizer para as crianças que, se nós viemos de uma ancestralidade ativa, potente e pioneira, não tem como sermos diferentes no presente nem como não projetarmos isso no futuro a partir da emancipação da nossa comunidade negra. (PINHEIRO, 2023, p.46)

Com base no exposto por Barbára Carine:2023, bem como em nossa própria experiência docente, entendemos que os saberes e as escolhas metodológicas que circulam e são construídos pelos processos de ensino e aprendizagem, com sentidos de mobilizar diálogos e pensar um ensino de história crítico e antirracista (no nosso caso, com projetos), deve ser pautado na interculturalidade. A interculturalidade, é primordial para mobilizar ensinamentos que enxerguem, respeitem e localizem as construções identitárias de si e do outro, a partir da “particularidade da diferença”, como denotada por Catherine Walsh (2019).

Compreendemos que ao centralizar as reflexões acerca dos saberes pela perspectiva da história na transformação e compreensão da realidade sociocultural da qual nossos estudantes

fazem parte, trazemos à cena aprendizagens, vivências e experiências de si e do outro, a partir de um olhar intercultural. Nessa conjuntura, pensar caminhos e reflexões sobre a valorização da história e cultura afro-brasileira, na educação básica, especificamente nas aulas de história por meio de projeto no sexto ano, passou por situar que o racismo se estabelece cotidianamente, conforme apresentado Kilomba: 2019, bem como, de contextualizar a importância de mobilizar reflexões que projetam nos estudantes, as potências e resistências enquanto população negra, por meio de um *olhar de positivação* para nossa existência e história, assim como delineado acima por Bárbara Carine:2023.

De antemão, podemos assinalar que através da metodologia de projetos, conseguimos estabelecer um caminho para contemplar as leis 10.639/2003 e 11.645/08 na rotina escolar sobre a cultura e história afro-brasileira no ensino de história, bem como fomentar a interdisciplinaridade. Ademais, permearam nas aulas sentidos de pertencimento, reconhecimento, inclusão, assim como, do entendimento de si e do outro, nas diversas temporalidades.

Com esse propósito, dividimos nosso artigo em três momentos essenciais: inicialmente apresentamos o contexto e fundamentação teórica; posteriormente, detalhamos o projeto de ensino de história antirracista nas turmas do 6º ano, com: sessões de cinema, música, oficinas de arte e visitas a espaços de memória e resistência; por último, apresentamos resultados e reflexões sobre as aprendizagens e produções dos estudantes, destacando a contribuição dessas experiências para uma educação crítica, antirracista e de valorização da ancestralidade afro-brasileira.

4

METODOLOGIA

Com o entendimento exposto acima, surgiu o projeto “*Por um Ensino de História Antirracista: História e Cultura Afro-Brasileira*”, no ano de 2022. Desenvolvido em uma escola pública localizada na Zona Norte de Natal, no Rio Grande do Norte. A rotina da autora desse artigo, como professora de história, na referida instituição, é a fonte basilar de análise. Enquanto professora de história, esteve responsável por ministrar aulas em quatro turmas de 6º anos, com faixa-etária de 12 a 15 anos, bem como, em duas turmas de 9º ano, com faixa-etária de 14 a 18 anos.

Metodologicamente, o projeto começou a ser pensado no início do ano letivo de 2022, ao ministrar o conteúdo de História da África nos 6^o anos. Cogitado, a princípio, apenas uma aula interdisciplinar; não obtive retorno dos colegas. Apesar disso, não desistimos e seguimos conjecturando. Dessa vez, pensando em um projeto mais amplo, organizado em etapas, com mais tempo de execução nas aulas de história e primordialmente, pautado na potência da nossa identidade enquanto negras e negros ao valorizar a história e cultura afro-brasileira. Não necessariamente, precisava contar com a participação dos outros docentes, pois a princípio, não havíamos tido uma resposta positiva.²

Vale destacar, que planejar qualquer atividade que movimentar a rotina escolar, envolve planejar os detalhes de forma cuidadosa. Pois, além do aparato estrutural, a colaboração dos colegas e gestão são chaves centrais para o sucesso de qualquer ação. Ademais, é preciso conhecer a realidade que estamos inseridas, e a nossa, era bastante desafiadora. Enquanto comunidade escolar, enfrentávamos a falta de materiais e recursos, salas de aula extremamente quentes, entre outras situações que marcam o cotidiano com diversos desafios, a exemplo do racismo.

Pesquisar, analisar, ponderar os caminhos e colocar em prática nossos planejamentos, são elementos diários do fazer docente e investigativo de historiadores. Desse modo, nos diálogos propostos junto a comunidade escolar, esses percursos reflexivos e de investigação foram essenciais. Assim, após o fechamento dessas ideias e do planejamento, seguiu-se os diálogos com a coordenação/gestão. No quadro abaixo, apresentamos um resumo das etapas do projeto. Sabendo, que não será possível abraçar toda a dimensão do mesmo, o quadro além de introdutório e contextualizador, delimitado as turmas dos 6^o anos.

² Contudo, conforme fomos desenvolvendo as atividades individualmente, observamos que alguns colegas passaram a refletir sobre suas disciplinas, de modo que, ao final, algumas ações foram também incorporadas por outras áreas, incluindo ensaios fotográficos de estudantes e da comunidade escolar. De certa forma, a “semente” plantada na disciplina de história acabou gerando frutos na comunidade escolar, e promovendo um diálogo, mesmo que tardio com as outras disciplinas. Vale destacar, que após essa primeira edição, o projeto continuou no ano seguinte, enquanto evento do calendário escolar. Demonstrando os desdobramentos positivos da sua realização em 2022.

QUADRO I- O ENSINO DE HISTÓRIA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NAS TURMAS DE 6º ANOS	
Sessão 01: Cinema e História:	Com o filme Pantera Negra e roda de conversa sobre o mesmo, buscamos fazer uma transição entre o conteúdo estudado acerca das lendas africanas e as heranças no nosso cotidiano.
Sessão 02: Música e História:	Ouvimos e analisamos algumas músicas que buscam valorizar a negritude e combater o racismo. Canções que resgatam a importância dos griôs, a estética e resistência da população negra, as tranças, a beleza negra e o enfrentamento ao racismo foram analisadas. As músicas foram escolhidas de acordo com a faixa etária dos estudantes. Após ouvir as canções e refletir sobre elas, foi proposto que os alunos e alunas que escrevessem poemas ou raps sobre os debates e suas vivências.
Sessão 03: Oficina de colagem - arte antirracista	Com base nos debates até aquele momento sobre a valorização de nossas heranças culturais e da negritude, os estudantes construíram artes antirracistas. Primeiro, expliquei em que consistia uma colagem, levei alguns exemplos e, em seguida, algumas aulas foram reservadas para a produção artística dos alunos
Sessão 04: Aula de campo	O objetivo foi visitar espaços de memória e resistência. Entre as opções, conseguimos visitar a cidade de Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte. Nessa cidade, localiza-se a comunidade quilombola de Coqueiros, embora não tenhamos feito a visita à comunidade, este foi um dos assuntos abordados durante o projeto.
Sessão 05: Mostra Cultural	Na ocasião, realizamos uma abertura em que alguns alunos e alunas leram seus poemas e raps. Foi convidado um líder e historiador quilombola do RN, para conversar com os alunos sobre a comunidade quilombola de Coqueiros. Por fim, houve a exposição dos trabalhos produzidos pelos estudantes para a comunidade escolar. Nas turmas do 6º ano, organizamos a exposição em etapas: os visitantes (alunos de outras turmas) chegaram e sentaram para ouvir uma pequena introdução sobre o tema, elaborada pela professora; em seguida, os alunos do 6º ano apresentaram seus poemas e explicavam suas produções; por fim, os visitantes eram convidados a caminhar pela sala, conhecendo as atividades e artes produzidas.

Fonte: Produzido pelas autoras - 2023.

1- HISTÓRIA E CINEMA: O FILME PANTERA NEGRA

Com tudo acertado junto a coordenação da escola e o projeto pronto, a segunda etapa foi apresentar a dinâmica aos alunos e alunas, explicando a proposta do projeto. Objetivamos, com isso, criar um clima de pertencimento e envolvimento, além de despertar a curiosidade sobre o cotidiano das aulas nas semanas seguintes.

Conforme já citado, um dos temas estudados foi a história da África e neste destacamos as lendas africanas e a importância dos griôs na preservação da história de nossos ancestrais. Partindo desse conhecimento dos estudantes, o projeto teve início com a *Sessão Cinema e História*. O cinema como recurso e metodologia foi muito importante, à medida que despertou a curiosidade dos estudantes, bem como a empolgação para participar das aulas aumentou significativamente, principalmente porque o filme em questão, escolhido, foi *Pantera Negra*.

Apesar de parte dos nossos estudantes nunca terem frequentado o cinema, a maioria desejava assistir o filme desde seu lançamento. No entanto, levá-los a uma sala de cinema não era uma possibilidade real, sendo assim, o caminho encontrado consistiu em organizarmos nossa própria sessão utilizando um projetor na maior sala da escola. Outro critério, foi juntar duas turmas por sessão, totalizando dois momentos, no decorrer de dois dias, em semanas diferentes.

É importante ressaltar, que na dinâmica do cotidiano escolar, nada se faz sozinho. A colaboração é essencial no desenvolvimento de qualquer atividade e, nesse requisito, a disponibilidade em negociar a mudança de horários por parte dos outros colegas foi crucial. Apesar de a princípio, os colegas terem permanecido mais afastados da proposta, com a mobilização do projeto nas turmas, notamos acontecer o envolvimento dos demais docentes com a temática, inclusive resultando em atividades desenvolvidas em outras turmas. Assim, se tornando um evento da escola, e não só de uma disciplina. Apesar das dificuldades que tivemos (especificamente estruturas e recursos), conseguimos fazer as sessões de cinema e iniciar os debates.

Como metodologia, após a exibição do filme, fizemos uma roda de conversa e refletimos sobre o que mais chamou a atenção dos estudantes a respeito da película. Solicitamos, também, que fizessem uma relação do filme com o conteúdo de que estávamos estudando até o momento. Em suas falas, ganhou destaque a forma como as pessoas negras foram retratadas e representadas. Heróis, reis e rainhas; palavras como potentes, fortes e guerreiros foram levantadas pelos estudantes. Além disso, relacionaram a lenda do *Pantera Negra* ao que estudamos nas aulas África, uma vez que já havíamos debatido a importância das lendas e dos griôs na preservação da memória.

Podemos observar que o filme se apresentou como um importante meio de potencializar discussões acerca do reconhecimento, pertencimento e entendimento da potência e ancestralidade da cultura e História Africana, a partir de “um olhar de positividade”. Como colocado por Bárbara Carine (2023), esse olhar positivo é crucial na desconstrução de posicionamentos que diminuem e estereotipam as pessoas negras. Corroboramos ainda com essa autora, quando enfatiza que precisamos pensar um ensino que levante o poder e a grandiosidade de nossa ancestralidade:

Mais que uma opção, deve ser um compromisso histórico, um dever da escola, ser antirracista [...] na construção curricular, pautando os acontecimentos ancestrais africanos e indígenas fora do lugar de estereotipagem e de rebaixamento; representar graficamente pessoas negras e indígenas na estética da escola a partir de um lugar de positivação”.(PINHEIRO, 2023, p.147)

Após a roda de conversa, seguimos o cronograma do projeto para a *sessão: História e Música*.

2- HISTÓRIA E MÚSICA: TENHO ORGULHO DA MINHA COR

Eu respeito nossa história
que beleza suas tranças
que da hora suas roupas
essa cor, essa alegria
eu trago da minha história brasileira
eu sou brasileiro
eu respeito minha cultura
eu não tenho vergonha da minha cor
e tenho orgulho de ser quem sou
(Alunos 6G)

O poema da epígrafe é produção de nossos alunos e alunas do 6º ano. Sendo escrito por dois adolescentes negros de aproximadamente 12 e 13 anos, foi tecido no final de uma das aulas nas quais analisamos músicas que caminhavam pela temática da valorização, reconhecimento e pertencimento de nossa identidade enquanto afro-brasileiros.

Nesta sessão do projeto, escolhemos o diálogo *História e Música*, pois, partindo da literatura que versa sobre a utilização da música no ensino de História, bem como da experiência em sala de aula, situamos sua importância como fonte histórica e recurso didático que auxilia a construção e aproxima os estudantes do saber histórico, visto que:

Seja fora ou dentro da cultura escolar, a canção ou ato de fazer paródias, presente em nosso cotidiano, reflete os sentimentos e as ideologias que nos permeiam servindo como mediadora de nossas emoções, que são traduzidas em seu universo complexo de sons, vozes e ritmos, transformando-se em trilhas sonoras das nossas histórias cotidianas, passadas e futuras. (TRINDADE, 2014, p. 938)

As músicas escolhidas nessa etapa foram: *África, Minha Rapunzel tem Dread, Menina Pretinha*, todas da Mc Soffia. As três músicas foram impressas e entregues aos estudantes, e solicitado que acompanhassem a letra, bem como circulassem palavras que lhe chamassem atenção. Projetamos também, os cliques das canções para a turma.

QUADRO II - MÚSICAS UTILIZADAS		
01- África - Mc Soffia	02- Menina Pretinha - MC Soffia	03 -Minha Rapunzel tem Dread - Mc Soffia
<p>“Nascida de Angola, Guerreira Nzinga, representou Quando crescer, quero chegar aonde ela chegou, sigo no flow, quero ser rainha, como Anastácia e a Zerafina Carolina de Jesus, Chica da Silva Cleópatra, Dandara, Clementina de Jesus, Bisas, Avós, minha mãe e minhas tias, terminei minha história que me enche de alegria...”</p>	<p>“Menina pretinha, exótica não é linda Você não é bonitinha Você é uma rainha, Devolva minhas bonecas Quero brincar com elas Minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas? Vou me divertir enquanto sou pequena Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena africana Como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor Africana, como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor , o meu cabelo é chapado, sem precisar de chapinha, Canto rap por amor, essa é minha linha, sou criança, sou negra, também sou resistência, Racismo aqui não, se não gostou, paciência”</p>	<p>“Na minha história a Rapunzel tem dread Ela é negra e é Rastafari Não precisa de um príncipe pra se salvar Ela é empoderada e pode tudo conquistar, o seu cabelo dread tinha força e poder Sua beleza africana não tinha o que dizer Essa história eu inventei porque não vi princesa assim Só me mostraram uma, ai isso não dá pra mim, Princesa Etiópia, esse nome eu batizei País que desfruta tudo que eu pesquisei Estou muito feliz de ver a história acontecer Crie uma princesa que pareça com você”</p>

Fonte: Produzido pelas autoras - 2025.

As letras, bem como os cliques da Mc Soffia, que é uma jovem rapper, cantora e compositora negra brasileira, trazem um repertório musical de empoderamento e valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, assim como, se torna voz de resistência ao racismo. Notamos, em suas composições, uma voz de representatividade e conscientização para o público de adolescentes e jovens negros e negras nesse país, com foco em suas potências, história e ancestralidade. Os vídeos utilizados da Mc Soffia foram publicados em seu canal do YouTube por volta de 2015 e 2016, quando a mesma tinha aproximadamente entre 12 e 13 anos.

A escolha de tais canções e recorte temporal partiu da ideia de que poderiam intensificar o reconhecimento e aproximar os estudantes das reflexões, pois estávamos assistindo uma adolescente como eles valorizando sua origem, beleza e história negra, bem como combatendo o racismo através de sua arte. Além disso, possibilitou aprofundar nossos debates, como no caso da canção *África*.

Por meio desta música, foi possível apresentar as personalidades e mulheres negras citadas pela cantora, como: Anastácia e a Zerafina, Carolina de Jesus, Chica da Silva, Cleópatra,

Dandara e Clementina de Jesus. Alguns desses nomes, os estudantes já haviam escutado falar; outros, não, de modo que seguíamos conhecendo essas mulheres negras e suas histórias, bem como analisando as canções a partir do que os mesmos iam apontando.

Ainda por meio das letras, caminhamos em tradições, como; as makenas africanas e diferentes aspectos citados, que remetem à história africana e afro-brasileira. Os cliques também trazem participação de outras crianças e adolescentes negros e negras, exaltando, assim, a beleza, poder e resistência. Observamos que o movimento fomentado pelos debates possibilitou uma ressignificação do olhar desses adolescentes, levando-os a enxergar de forma positiva e potente a nossa ancestralidade e identidade afro-brasileira.

Após nossas aulas de análises, solicitamos que escrevessem um poema, rap ou um texto acerca do que havíamos refletido até aquele momento. Seguem algumas produções dos estudantes:

QUADRO III- PRODUÇÕES ESCRITAS DOS ESTUDANTES	
Produção 01 - Beleza africana	Sou negra, uso dread, tranças e também sou africana/Não mereço sofrer racismo, apenas por ser preta, eu peço respeito/ O racismo é uma coisa que os brasileiros têm costume de praticar (aluna do 6F)
Produção 02: Sem título.	Você rir da minha pele, do meu jeito de se vestir/ Você rir do meu cabelo, do meu jeito de sorrir/ Nós somos do mesmo jeito, só não temos a mesma pele,/Você não sabe como eu fico, quando você rir de mim/Não posso fazer nada se eles riem de mim/Mas todos eles sabem que eu posso mudar o meu jeitinho/Hoje eles tão rindo, mas depois podem pedir perdão. (aluno 6I)
Produção 03 - Minha princesa africana	Eu sou uma princesa africana, que usa dread e uso roupas da minha cultura africana/ tenho muito orgulho da cor e se você for racista não quero amizade/todos nós somos iguais, não importa como você seja. (A e M 6G)
Produção 04 - Chega de racismo	As pessoas que fazem racismo não prestam são um “bucado” de ignorantes/já que eu to falando disso/eu sei que vocês estão me ouvindo /essa é a moral nos negros sofremos, lutamos bastante por causa da nossa cor/ mas nós somos muito fortes não ligamos pra isso /Aee vocês que fazem isso, parem/Vamos ficar em paz!Chega de racismo e de apelidos (L - 6I)
Produção - 05: Sem título.	Porque eu sou negro não significa que eu perca meus direitos /com a mão no coração/com meus pés no chão, eu vou vencer com paixão pela nação/o racismo nunca vai acabar, por isso temos que lutar (6F)

QUADRO III- PRODUÇÕES ESCRITAS DOS ESTUDANTES	
Produção - 06: Sem título.	Racismo é um crime, isso é preconceito Mano!/Você tem que ter respeito/E se você não tiver, você vai preso, Mano!/ Isso é uma Injustiça, desde muito os escravos são negros, Mano/ respeite nossa história. (6F)

Fonte: Produzido pelas autoras - 2025.

Como se observa, ao longo da nossa escrita os debates foram sendo construídos de acordo com as vivências dos alunos e alunas com as abordagens e reflexões levantadas, muitas vezes situando suas realidades a partir do reconhecimento e identificação com o tema. Tanto no primeiro poema exposto na epígrafe do tópico, como nos outros apresentados acima, é visível a construção da consciência e letramento racial dos estudantes.

Lendo novamente esses poemas, rememoramos a memória de uma situação que aconteceu semanas antes do projeto iniciar. Em meio às conversas com a coordenação sobre o planejamento do mesmo - que eram frequentes - uma das coordenadoras lembrou uma situação de racismo que havia acontecido dias antes na escola e de como era urgente pautar esses debates. A coordenadora também informou que havia compartilhado com uma mãe/responsável sobre a existência do nosso projeto e como era um caminho para dialogarmos sobre o assunto e projetar estratégias de combater o racismo no espaço escolar. Essa memória nos fez pensar, que antes de iniciado o projeto, já estávamos mobilizando diálogos antirracistas no cotidiano escolar.

Portanto, compreendemos que esses poemas sinalizaram a força de centralizarmos um ensino de História que movimenta, por meio dos debates em sala de aula, um espaço de entendimento das identidades negras pelo viés do pertencimento e valorização enquanto afro-brasileiro. Ademais, é notório nas produções dos estudantes o entendimento e valorização de suas potências, ancestralidades e beleza. Além de pautar respeito e enfatizar que racismo é crime.

CONCLUSÃO

Com esse texto, não buscamos esgotar as análises, tão pouco finalizar as conclusões, mas, sobretudo, objetivamos introduzi-las como meio de pensar uma educação antirracista, situando

a necessidade de um posicionamento político-pedagógico em nosso cotidiano profissional sobre essas abordagens. Pois, como colocar Azevedo: 2019 “a construção de uma pedagogia antirracista deve começar por nossa própria descolonização” (p.164). Logo, as análises e aprendizagens que foram firmadas através das reflexões sobre a prática docente e em contato com as memórias e vivências que construímos com nossos alunos e colegas ao longo desses anos, possibilitou entender que utilizar a metodologia de projetos nas aulas de história como meio de aprofundar debates acerca do ensino para relações étnico-raciais, é um caminho viável e necessário.

Portanto, “*aqui, nós estamos falando “em nosso próprio nome”, e sobre nossa própria realidade, a partir de nossas perspectivas”(p.06)*, utilizamos essa frase de Kilomba: 2019 em *memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, pois, como uma professora de história negra, que está escrevendo a partir de sua vivência na sala de aula, entendemos que mobilizar diálogos com vias de construir empoderamento, pertencimento e valorização da nossa identidade afro-brasileira com estudantes é algo que transcende o campo do acadêmico e escolar. Passa, sobretudo, por situar-nos também dentro do movimento negro, pelos debates do saber/poder político e pelo entendimento que é preciso e urgente pautar tais questões de forma efetiva e contínua nos nossos espaços escolares e socioculturais de aprendizagem em sociedade. Como citamos em outro momento, esse espaço não seria suficiente para partilhar toda a dimensão do projeto e experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, Veruschka de Sales. **A descolonização e a decolonialidade como possibilidades na construção do ensino de história na escola básica**. In. Ensino de História e currículo em tempos torpes: leituras e reflexões. 2019.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2022.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um**

olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

- GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro e a intelectualidade: descolonizando os currículos.** In: COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonado;
- MONTEIRO, Ana Maria. Ensino de História: entre história e memória. In: SILVA, Gilvan Ventura da; SIMÕES, Regina Helena Silva e; FRANCO, Sebastião Pimentel (Orgs.). **História e Educação: territórios em convergência.** Vitória: GM; PGHIS/UFES, 2007.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de e; VAREJÃO, Adriana. **Pensamentos feministas hoje; perspectivas decoloniais.** 1ed. RJ. Bazar do tempo, 2020.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- WALSH, Catherine. **Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial.** Revista eletrônica da faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) ISSN -2448-3303.2019.
- TRINDADE. Ana Carla de M. **Vozes e silêncios: um estudo de caso sobre a utilização da música nas aulas de história em uma turma de 3º ano do ensino médio vespertino da escola Estadual Antônio Aladim (caicó-rn).** Anais. Anpuh/RN. 2014.